

RECENSÃO DE LIVRO

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA: DEFINIÇÕES, RELAÇÕES, IMPLICAÇÕES E CUIDADOS

Adriana Lira

Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora adjunta da UCB e Secretária Executiva da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da mesma Universidade.
adrianaliraucb@gmail.com

AMPARO, Deise Matos et al (2012). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais*. Brasília, LiberLivro, UnB, 394 p.

As violências em geral têm levado à organização de numerosos congressos, reunindo pesquisadores de diferentes áreas em todo o mundo. Sensibilizados com a causa, dedicam-se a trocar experiências e a encontrar alternativas para superar este problema que vitima crianças e adolescentes. Contudo, a organização destes eventos implica em uma responsabilidade ainda maior, a de elaborar os trabalhos científicos e publicá-los como forma de disseminação. Assim fizeram os organizadores da obra em epígrafe, “**Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais**”. Editada pela LiberLivro e pela Editora da Universidade de Brasília, a obra é constituída, de estudos clínicos, psicossociais, educacionais e relatos de intervenções que são frutos do I Congresso Internacional sobre Adolescência e Violência: perspectivas Clínica, Educacional e Jurídica; do II Seminário Internacional sobre Adolescência Clínica e Cultura e do III Seminário de Saúde do Adolescente em Conflito com a Lei, realizados, em 2010, em um só e profícuo evento, organizado pelas duas universidades da Capital federal brasileira, a Universidade de Brasília e a Universidade Católica de Brasília. Dele participaram pesquisadores nacionais e internacionais para conceituar e compreender a adolescência e discutir a temática, a partir de suas respectivas áreas para averiguar as relações com a violência que os atinge. Organizada por profissionais da área da Psicologia e da Psicanálise, a obra tem como principal eixo a Psicanálise, visto que a adolescência é para ela um período especialmente importante tanto no que se refere ao elaborado trabalho psíquico pelo qual o sujeito tem de passar, quanto pelo fato de



marcar o desencadeamento de várias psicopatologias. Daí a ênfase na adolescência como uma fase marcada pela subjetivação, travessia, rupturas, estranhamento e crises. Esses e outros elementos dão conta da complexidade do que é ser adolescente e da violência a que estes são submetidos. O livro tem como eixo secundário a família, que perpassa todas as partes do livro, tendo em vista a sua importância na constituição da identidade dos filhos e na estruturação do adolescente em sua formação física, psíquica, emocional e pedagógica e em sua preparação para a vida adulta. Todavia, nem sempre esse apoio existe. Assim, adolescentes tornam-se reféns devido à sua vulnerabilidade e fragilidade.

É composta de 24 capítulos. Na obra, em perspectiva interdisciplinar, os pesquisadores compartilham experiências de trabalhos e resultados de pesquisas que possibilitam aprofundar estudos e conhecer os desafios do ser adolescente em face das violências. O livro se divide em cinco partes, com os capítulos escritos em linguagem simples e de entendimento acessível também aos leitores que não são da área da Psicologia ou da Psicanálise, destacam a complexidade deste período da vida pouco explorado que é a adolescência, analisando relações entre adolescência e violência e suas implicações para as áreas educacional, clínica, social e jurídica.

A primeira delas, **Clínica e psicopatologia do agir**, focaliza o agir violento na adolescência como reações às problemáticas pulsionais, ao traumatismo da herança e também a uma ressonância das violências intersubjetivas. Permite entender a função do agir e seu papel nas situações de violência a partir da fragilidade narcísica do adolescente que passa ao ato pela via da violência. Uma vez sentindo-se ameaçados, os adolescentes, diante do perigo, acabam por erguer defesas fundadas sobre o recurso do agir no afã de que a “passagem ao ato” pode “salvá-los”. É nesse contexto que alguns adolescentes se tornam violentos contra eles mesmos ou contra os outros, supondo que assim estariam se livrando do inimigo e projetando externamente a violência interna que eles não podem conter. Então, o agir de modo violento torna-se um recurso ilusório de batalha contra o sentimento de ser levado pela vida pulsional, traduzindo-se, pois, em uma impossibilidade de pensar e de simbolizar na medida em que substitui o trabalho psíquico. Deste modo, a violência na adolescência se traduz em um desamparo e uma dificuldade no processo de subjetivação, onde a passagem ao ato constitui, no melhor dos casos, uma tentativa de solução, uma busca de apaziguamento.



Não dominar o medo, o perigo, a necessidade de confortar a autoimagem, a dificuldade em pensar no interesse coletivo, quando a insegurança interna é tão grande, impede a elaboração dos sentimentos que tende a ser “resolvida com passagens ao ato. Portanto, as próprias pulsões fazem do ato o único meio de proteção contra a ameaça representada pela puberdade e pelos fantasmas que a acompanham. A travessia da infância para o mundo adolescente coloca esses sujeitos diante da incerteza o que está por vir do mundo adulto e que já se apresenta entre as suas responsabilidades – na escolha de uma carreira, no direito ao voto e, principalmente, na possibilidade de exercer a sexualidade genital, somadas às mudanças físicas, cujas perdas levam os adolescentes a travarem batalha com elas: perda do corpo da infância, de suas referências e de sua quietude, e perda da estabilidade da imagem do corpo; perda da ilusão de completude bissexual, a ideia de que somos mortais e do sentimento de onipotência que a acompanha; renúncia ao laço estabelecido com os pais da infância e à segurança que esse laço proporciona; renúncia às imagens parentais infantis. É, portanto, nesta fase, que feridas e fragilidades ficam expostas.

Desta forma, considerando a problemática do agir, o mundo interno é expelido sobre os objetos externos e a violência é projetada. Assim, a adolescência se constitui num espaço de elaboração para os conflitos desse adolescente que vivencia suas transformações como um ataque à estabilidade da sua identidade. Em síntese, esta primeira seção do livro define a adolescência como um momento marcado pela presença de violência interna os adolescentes expressam seu sofrimento recorrendo à passagem ao ato.

A segunda parte, intitulada **Violência, escola e formação do educador**, trata da violência escolar ao nível mundial com o intuito de dimensionar a extensão do problema e identificar semelhanças e idiossincrasias entre as diversas culturas. Em cinco artigos, evidencia-se que novos paradigmas vêm se desenvolvendo nos últimos anos, ampliando os novos significados que o fenômeno assume ao incluir novas práticas costumeiras nos laços sociais estabelecidos entre os indivíduos no contexto escolar. Daí a importância da preparação dos professores e gestores para lidar com os adolescentes, que precisam reconhecê-los como sujeitos, num processo pubertário e com estruturas psíquicas, visto que estes pedem se envolver no mundo do crime e com violências para exercer o protagonismo não vivido no espaço escolar. Destaca-se também a importância da parceria da família no acompanhamento dos adolescentes



para que estes se desenvolvam de forma sadia e os ajude a lidarem com a efervescência psíquica a qual vivem.

Esta segunda parte nos faz perceber que, ignorando o adolescente e os sinais de um clima insatisfatório, a escola perde lugar para outros locais tidos como mais interessantes pelos adolescentes. Põe em relevo ainda que, geralmente, as medidas adotadas sem o envolvimento dos mesmos tendem a ser malsucedidas. Permite-nos compreender, pois, os atos violentos como possíveis desdobramentos do processo pubertário e da adolescência, da crise na educação familiar, responsável pelo desenvolvimento psíquico de crianças e adolescentes entre outras causas que estão por trás dos atos de violências. Em síntese, os artigos estão pautados na premissa da necessidade do reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeitos da educação, que apresentam iniciativas e possibilidades de dar sentido às ações educativas voltadas para superação das violências na escola. Além disso, nos alerta ao cuidado, em especial dos educadores, de não tratarmos a violência apenas como um sintoma, mas sim como resultado de diferentes causas que exigem uma análise mais completa e não reducionista. Muitas medidas vêm sendo adotadas, porém, ignorando o adolescente, elas caem no vazio, sem conseguir estabelecer uma cultura de paz, necessária para os fins da educação. É preciso, assim, ampliar a sensibilização da comunidade escolar para participar das atividades promovidas pelas instituições escolares; ampliar e fortalecer os Conselhos Escolares e os Conselhos Regionais de Promoção da Cidadania, da Cultura de Paz e de Direitos Humanos; organizar o trabalho em torno do protagonismo infanto-juvenil e o reconhecimento dos adolescentes enquanto pessoas dotadas de direitos e deveres.

Já a terceira parte, **Violência e grupo: dimensões culturais**, aprofunda o conceito de adolescência em face das mudanças ocorridas em nosso tempo e meio social, com ênfase nos desafios para a família, para a educação e para a sociedade. Possibilita conhecer as tensões do mundo adolescente influenciadas pelas condições sociais que acabam por turbinar os conflitos da puberdade no adolescente e nele com o outro. O conjunto de artigos converge para uma mesma direção, a perspectiva de que a violência é um fenômeno construído socialmente e que pode ser desconstruído. Evidencia ainda que os adolescentes que ingressam no mundo do crime apreciam a integração daqueles que já participavam. Há, portanto, a ideia de uma forte coesão grupal, mesmo que ela se construa em grande parte sob a égide da violência. Assim, buscando ser reconhecidos e aceitos no grupo, adolescentes se arriscam aos perigos que lhes expõe o caminho da violência. Esta aparece como uma forma de



manifestação aos sofrimentos ligados à perda do objeto nos grupos primários (família) e secundários (sociais) no meio em que estão inseridos. Não sabendo lidar com um novo corpo sexuado, os jovens púberes buscam novas referências na tentativa de superar a violência traumática interna que atravessam. Então, impotentes para ajudar a si mesmos e autogerir os seus processos pubertários para se tornar sujeitos de si mesmos, tomar posse de seu corpo, e de seus desejos na pluralidade dos processos psíquicos, adolescentes lançam mão das variadas formas de violências. Portanto, a violência na adolescência é o sintoma de uma fragilização narcísica, uma reação aos medos que fazem emergir a convicção de que não há espaço para dois, eu e o outro. Reconhecer-se “um” implica o outro. Consequentemente, não sabendo lidar com os sentimentos existenciais, as suas pulsões são colocadas à prova como reações próprias do indivíduo para sobreviver a um meio hostil e desconhecido, fora de restrições da vida social humana, que acarreta nas representações de violência. Além disso, destaca-se a importância de os adolescentes ficarem continuamente ocupados para não se deixarem seduzir por atividades ilícitas.

Em especial, chama-se a atenção para a importância da formação de educadores, gestores e profissionais em geral, como fez a primeira parte do livro, para lidar de modo mais promissor com os adolescentes que a escola recebe e, deste modo, cumprir com excelência o seu papel.

Transgressão e campo jurídico é o título da quarta parte da obra. Como sugere, ela aborda as delinquências, as incivildades e, de modo mais abrangente, as formas de delitos e outras condutas antissociais dos adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Vivemos em uma sociedade de grande apelo aos adolescentes: dinheiro fácil, consumo, liberdade, excessos, culto ao corpo, experimentações e visibilidade que se somam a outras características, valorizadas pelo tráfico de drogas: a inteligência nas ações, a fidelidade, a lealdade às chefias, a virilidade para se arriscar fisicamente, com destemor, mostrar-se forte e sem medo. Por essas e outras razões, a adolescência constitui potência de periculosidade, visto que o adolescente é presa fácil para o mundo do crime, ocupando assim destaque na escala de registro de óbitos por causas externas: espancamentos, estupros, homicídios, abusos sexuais, uso e tráfico de drogas; principalmente os adolescentes de classe baixa, tornando-se vítimas e/ou algozes, às vezes, de seus pares ou de adultos que deveriam protegê-los.



Profissionais da área jurídica definem a adolescência como um fenômeno psicossocial que evoluiu ao longo dos séculos, situado em um momento histórico que hoje conta com os desafios das transformações tecnológicas, éticas, morais e culturais, formando uma geração marcada pela individualidade, racionalismo e universalização, fatores oriundos de um processo sociopolítico-econômico-cultural, e, desta forma, colaborando para o enfraquecimento do conceito de sociedade e família, na medida em que desvaloriza as normas e regras sociais, morais e culturais. Hoje, a adolescência conta com o desafio do novo modelo de família, da globalização, da relação dos adolescentes com a lei em face da transgressão e o envolvimento inevitável e esperado das famílias nessas situações estressoras e desafiantes da realidade da adolescência. Além disso, o adolescente vive uma cobrança da sociedade para as quais, muitas vezes, ele ainda não está pronto, como, por exemplo, a urgência de crescer e este, por sua vez, se vê sem outra forma de subsistir, entrando também, por isso, em conflito com a lei.

Em resumo, destaca-se que a violência trata de uma profunda crise moral, uma subversão irreversível dos valores, da dificuldade de se diferenciar o bem e o mal e de se distinguir a violência constituinte do indivíduo e a violência que destrói o sujeito. Por que os adolescentes se envolvem no mundo do crime e infligem a lei é o que busca esclarecer o conjunto de artigos desta seção. As necessidades narcísicas somadas às de protagonismo, ascensão, poder financeiro e outros tipos de sedução levam o adolescente ao desejo de ocupar posições superiores na hierarquia do negócio, confrontando-se com situações que lhe demandarão transformar a ética dos valores voltados à vida. Aos poucos, a ideia de guerra vai ganhando lugar e, com ela, o objetivo de proteger a qualquer preço os negócios do grupo e sua vida. Transgredindo para criar novos referenciais de mundo, o adolescente constrói “um novo mundo”, contribuindo para as transformações sociais. Portanto, a transgressão seria a ultrapassagem dos limites impostos pela sociedade e pela cultura. Neste intermeio, discute-se então o conceito de violência, o que, segundo os autores dos artigos apresentados, exige que nos perguntemos, entre outras coisas, de que violência falamos, quem a praticou e em que contexto; fatos importantes para justificar que o crime não é necessariamente a transgressão da lei penal, mas violações culpáveis da lei moral, mais ampla do que a lei penal e nem sempre coincidente com suas determinações e seu espírito.

Como perigos, destacam-se a vulnerabilidade das classes sociais menos favorecidas, com menor escolaridade, com menor acesso a possibilidades de trabalho



e maior chance de desemprego e de subemprego, além do alcoolismo, da violência doméstica, da baixa autoestima e do ambiente propício ao desamparo familiar que leva um adolescente proveniente desses ambientes a ter maior probabilidade de abandono da escola, seja por deficiência na aprendizagem, seja por necessidade de ingresso precoce no mercado de trabalho. Assim, a transgressão, o comportamento antissocial e a violência são entendidos como um pedido de ajuda, representando um gesto de esperança de alguém que reage à perda ou à falta, tornando comuns nesta fase as transgressões, rebeldias e atos delinquentiais, que acontecem como formas de testarem a si próprios e ao “mundo”.

A crise de identidade, comum neste momento, pode tornar-se grave quando o adolescente não consegue equacionar a incongruência da imagem de si, por não encontrar espaço de valorização no seu meio familiar e social. O adolescente não consegue completar seu desenvolvimento e vê-se preso em uma contradição entre a exigência social de conformidade às normas sociais e a indução social para uma vida de marginalidade e de delinquência. Portanto, a construção de uma imagem negativa de si mesmo leva-o a acreditar que a marginalidade é única forma de sair da invisibilidade e se tornar um sujeito social.

No que se refere à família, destaca-se a fragilidade das famílias socialmente desamparadas, onde a autoridade paterna falha enquanto palavra de saber, poder e ordem e, uma vez esvaziada e desautorizada em sua palavra, “perde” o seu filho, visto que, vivendo as experimentações na turbulência da adolescência, se envolve com a ilusão de as atividades ilícitas serem provisórias. Entretanto, estes se abstraem do provisório e, na maioria dos casos, entram em um universo de posturas rígidas, onde a violência e o destemor são fatores importantes, tornando-se definitivos, visto que não possuem suportes sociais suficientes. Em face desta realidade, trabalhos vêm sendo desenvolvidos para atender aos adolescentes em conflito com a lei.

Os pesquisadores na área jurídica apontam a importância da família estar estruturada de modo a evitar as violências dentro do próprio lar e para acompanhar os filhos adolescentes na passagem para a vida adulta, frisando, ainda, o potencial que pode adquirir em parceria com a escola para formação cidadã de crianças e adolescentes para aprenderem a resolver os seus conflitos sem incorrer em atos infracionais, investindo na formação de cidadãos de direitos e deveres para compreender a lei como reguladora necessária para o bem-estar social.



Uma sociedade mais equilibrada também é desejo dos profissionais da Saúde, que temem a violência como um problema que envolve prevenção e cuidados, sendo, pois, a quinta e última parte do livro, mas não menos dedicada à **Promoção da saúde e prevenção da violência**. Sendo a adolescência uma fase de experimentação, marcada pela necessidade de aceitação e desejo de risco, sua fragilidade é ainda mais comprometida pelos excessos e pela destemida falta de responsabilidade e cuidados. Entre os perigos a que estão expostos, destacam-se o uso de drogas ilícitas, o álcool; a prática do sexo precoce e sem os devidos cuidados; a prostituição, que acarretam gravidez precoce e indesejada; além de doenças psicossomáticas: angústia, depressão e outras, comprometendo a qualidade de vidas desses adolescentes, da família, da escola e da sociedade como um todo. Daí então a preocupação dos profissionais desta área para com a promoção da saúde num trabalho de orientação e prevenção para adolescentes em geral, mas, sobretudo, para aqueles em situação de vulnerabilidade, que vivem em áreas marcadas pela baixa escolaridade e pouco acesso à saúde. Os profissionais desta área entendem a adolescência como uma fase de desenvolvimento que necessita de cuidado e apoio para que os adolescentes lidem melhor com as transformações pelas quais passam o seu corpo, além de cuidados nutricionais e do seu desenvolvimento psíquico. Assim como os profissionais das outras áreas apresentadas, também destacam a importância da família, que nem sempre compreende esta fase vivida pelo seu filho e, por isso, não sabe lidar bem com ela, além dos tabus para falar sobre sexualidade e prepará-lo para nova fase da vida. Preocupados com a questão da saúde que as violências implicam, estes profissionais discutem à luz da área da saúde a violência como fenômeno complexo e multifatorial que representa um desafio para profissionais e gestores do sistema de saúde e parceiros de toda a sociedade, com a necessidade de ações interdisciplinares, transdisciplinares e intersetoriais, além do comprometimento profissional, familiar, comunitário, integração dos jovens para juntos atuarem na formação de redes de prevenção e atendimento.

Destaca-se a necessidade de atuação do Estado para elaboração de políticas públicas no campo da educação, do acompanhamento social, da saúde, do esporte e da cultura, afastando-os do grande número de quadros psicopatológicos no período da adolescência: distúrbios alimentares, condutas de risco e condutas de dependência, agressividade e outros e aliado a isso a formação dos profissionais que lidam diretamente com os adolescentes para acompanhamento médico, social e educativo, preparando-os para estar bem consigo mesmos, de modo a evitar que se desgastem,



se cansem e adoçam, porque as tensões e as dificuldades são inúmeras, complexas, exigindo igualmente uma particularidade de articulação para enfrentá-las e ultrapassá-las. É preciso também preparar os adultos para reconhecer que o adolescente pode desconhecer suas razões de agir e que ele pode ser, sobretudo, movido por afetos incontroláveis. Algumas ações haviam sido então iniciadas, por exemplo, pela Secretaria de Saúde do Distrito Federal, como a institucionalização de ações de prevenção, orientação e atendimento às vítimas de violência física, sexual, psicológica e de negligência contra criança, adolescentes e idosos, com realização de seminários, reuniões, capacitações, sistematização de ações, programas de prevenção, elaboração de material didático, atendimento de apoio aos adolescentes e familiares por meio de equipes interdisciplinares (assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, terapeuta ocupacional etc.), contudo, ainda insuficientes. A meta era também sensibilizar os gestores da saúde para ampliar os serviços de acompanhamento psicossocial às vítimas de violências em todos os hospitais. Portanto, apontam a necessidade de um engajamento de todos os setores governamentais e não governamentais para juntos encaminharem proativamente os problemas dos adolescentes, superando paulatinamente as violências que os envolvem na escola, na família e na sociedade, com tensões decorrentes para professores, gestores, estudantes etc.

Para profissionais da saúde, a escola é capaz de compreender os programas de prevenção e de aplicá-los às crianças e jovens, envolvendo os pais e a comunidade, considerando fatores pessoais, sociais e, principalmente, como uma questão de saúde pública. No entanto, o trabalho em rede interinstitucional, que represente um apoio contínuo à escola, ainda não é uma realidade. Assim, é preciso pensar a escola como promotora de saúde, incluir nela a ideia de saúde, de estar saudável, associada ao bem-estar de crianças, adolescentes, docentes e não docentes, ou seja, de todos os que nela convivem. Compreende-se que a garantia de acesso à saúde para a população adolescente reforça a sua condição de cidadãos, sujeitos de direitos. Em contrapartida, a não implantação dos programas de saúde para esta parcela da população pode ser encarada como uma violência institucional, que coloca os adolescentes em situação de risco. Evidencia-se ainda a necessidade de formulação de políticas públicas para se atuar sobre a violência, visto que, segundo os autores, é comum a busca da área jurídica para lidar com as violências e quase nunca a área de saúde.



Em suma, esta coletânea de artigos se constitui em uma significativa fonte que subsidiará os pesquisadores, os profissionais que lidam com adolescentes no campo da educação, da saúde, da justiça e ainda os pais e familiares. A partir dela se pode concluir que a violência é problema complexo que exige um conjunto de medidas interrelacionadas necessário para sua superação. De certo modo, a leitura da obra também nos leva a compreender, principalmente enquanto profissionais da educação, o porquê do insucesso por parte de algumas escolas em suas ações para reverter o quadro em que se encontram. Somos, enquanto leitores, convencidos, a partir da abordagem das diferentes áreas aqui tratadas, de que a superação das violências não constitui tarefa simples, isolada e aleatória quando, na realidade, muito se insiste num processo de repassar “a bola para o outro”. É preciso unir esforços e, cada uma em sua função, sentir-se partícipe do processo e corresponsável, para superarmos proativa e paulatinamente este mal que tem consequências para todos. Portanto, **Adolescência e violência** é mais que a materialização de um congresso, visto que constitui uma obra que nos resgata a possibilidade de acreditar que outra realidade é possível!